6.º ANO — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 1926 — N.º 1592

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2. Telefone: 470
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 219
Endereço telegrafico: DIBOA

A PROPOSITO do *eco* que ontem dedicámos á atitude dos estudantes da Faculdade de Direito de Coimbra, perante o decreto que cria a Ordem dos Advogados, recebemos um postal assinado por um *aluno de Direito*, em que nos diz que a leitura dos artigos 11 a 16 é de molde a suscitar e a justificar as suas apreensões.

Admitindo mesmo que assim seja, achamos que as escolas superiores devem abster-se de manifestações demasiado ruidosas, neste momento.

Farto de tumultos está o país.

Todos protestam, reclamam e acusam, mas raros se decidem a reconhecer que não ha só uma classe, mas muitas e que estas têm de harmonisar-se e não degladiar-se.

O facto de se exigir aos bachareis, que queiram inscrever-se na Ordem, um estagio de dois anos num escritorio forense, tanto quanto a nossa experiencia no-lo permite afirmar, encontra, na pratica, amplas razões corroborativas.

Mas, supondo que tal se não dá, os estudantes de Direito, em vez de complicarem uma situação escolar que está longe de ser desembaraçada, andarão melhor se se dirigirem ao sr. ministro da Justiça, o qual, estamos certos disso, os atenderá, na medida do possivel.

* * *

EM Paris, no prolongamento do Boulevard Haussemann, foram postos á venda os terrenos sobrantes para a edificação dos predios que o hão de constituir, mas o preço é de tal forma elevado que *só trez deles foram* vendidos, e sabem os leitores para que negocio? Para hoteis!

Um deles, o «Comodore», já abriu as suas portas, tendo tido, por signal, como hospede n.º 1 um portuguez; outro, o «Ambassadeurs», está quasi concluido, e o terceiro, ainda sem titulo, tem a sua construção bastante adeantada.

Quere dizer: a unica industria que se arrisca a uma tal despeza é só a hoteleira, por ser aquela que tem probalidades de arcar com ela.

E Lisboa não tem um hotel moderno, porque os nossos capitalistas receiam uma falencia!...

* * *

PELAS 21 horas e meia, realiza hoje, na Sociedade de Geografia, o sr. dr. Vergilio Correia a sua anunciada conferencia sobre a iconografia de S. Vicente, suscitada pela debatida questão dos paineis das Janelas Verdes e, especialmente, pela conferencia do sr. dr. Jaime Cortezão, acêrca da identificação das figuras representadas nas taboas atribuidas a Nuno Gonçalves.

* * *

DO engenheiro sr. Teotonio Rodrigues recebemos um folheto com este titulo—«Um Metodo Novo para o Calculo da Distribuição das Armaduras transversais nas peças de Cimento Armado».

* * *

FOI determinado que todas as analises dos generos alimenticios feitas pelo Hospital da Marinha sejam pagas áquele hospital pelas estações que requisitarem essas analises.

* * *

DIZ-SE que vae ser nomeada uma grande comissão, com plenos poderes, para proceder a rigorosas economias e reformas de serviços, dentro de cada ministerio.

VOGANDO...

O plano

de reorganisação nacional

O sr. general Gomes da Costa leu ontem em conselho de ministros um plano de reorganização nacional que altera a Constituição no sentido do presidencialismo e atribui ás corporações um papel que até aqui era desempenhado pelos individuos.

Este jornal ainda não quiz levantar uma questão prévia:

—«Quem defende a Republica, nas regiões do poder?».

A tempo e horas acomodados, abordaremos o assunto com franqueza e largueza, se tivermos liberdade para isso.

Presentimos que se aproxima uma época em que a necessidade de ser covarde se tornará inutil, visto que cada qual correrá menos perigo manifestando sinceramente as suas opiniões do que guardando-as com prudencia, no seu bornal de miserias.

Individuos que ainda não ha muitas semanas atacavam sem pejo não só a politica do regimen mas as instituições que nos regem, aparecem-nos agora a defender a revolução militar e o seu proposito de arredar para largo qualquer hipotese de bolir com a obra, que se iniciou em cinco de outubro de 1910.

Trata-se de convicções que nasceram abruptamente, ou de manejos duma tactica hipocrita que visa objectivos distantes, encobertos?

Como os acontecimentos caminham com pressa, os republicanos que não usam de mascara com que se disfarcem, vão ter uma excelente oportunidade para reconhecer que a sua causa conta, entre tantos servidores, alguns individuos que, como os assassinos do duque de Guise, têm o punhal oculto e o galanteio pronto nos labios.

O *Diario de Lisboa*, no meio desta sarabanda tragica de salvadores duma Patria que é vitima, sobretudo, dum drama cerebral—*tens ou não tens ideias, oh estadista improvisado?*—dirige-se ao Exercito português, a fim de que este não se deixe desvairar por sugestões vindas de subterraneos onde as toupeiras se ajuntam com o proposito evidente de conspirarem contra a luz, que é patrimonio de nós todos.

Ontem dizia-se que o sr. general Gomes da Costa, interprete fiel das aspirações revolucionarias, ia intimar o sr. comandante Cabeçadas, presidente do ministerio, a que recolhesse a *penates*, abandonando as funções em que o investiram um chefe do Estado que resignava e uma revolução que ainda não sabia o que queria.

O boato, interpretado á letra, era falso, mas o seu espirito não andava longe da verdade.

O conselho de ministros de ontem á tarde—*para que havemos de deliciar-nos com mentiras?*—representa uma nova ofensiva, no campo incruento, traçado pela revolução que teve o seu inicio em Braga.

Está o sr. comandante Cabeçadas de acôrdo com o plano de reformas do sr. ministro da Guerra?

Quem o redigiu e em que fontes lusitanas se inspirou?

Compreende-se, porventura, que, num governo, cujo pensamento politico reside sempre no seu presidente, este abdicasse do seu papel constitucional para aceitar uma chefia de facto que só a fôrça justifica?

Não é nosso intuito alongar-nos em considerações que nos levariam a produzir qualquer arrazoado pouco de molde a comprazer-se com a prudencia e o temor que nos aconselham os homens que receiam defrontar-se com situações claras.

Nós não apreciamos a confusão nem o charivari em que as turbas se consomem, incapazes de protegerem as suas aspirações contra os corvos que as debicam.

Se é possivel uma harmonia, sem adjectivos insidiosos, entre o sr. comandante Cabeçadas e o sr. general Gomes da Costa, que ela se estabeleça quanto antes—e duradoura.

O jogo duplo e bilingue das influencias, no seio do ministerio, resulta nociva para a obra nacional que a força publica diz ter em vista.

Quem pretende conciliar o inconciliavel avança para a guerra, sem ter o merito de a eviar, prevenindo-a.

O programa lido ontem em conselho de ministros, apesar do seu ingenuo aspecto didatico, não nos poria de sobreaviso, se não suspeitassemos de que, por detraz dele, existe um olhar vesgo que se rebuça.

Apelamos para o sr. general Gomes da Costa, para o seu caracter decidido de militar, a fim de que, tranquilisando o país, diga:

«A minha missão não se compadece com aventureiros nem com os sortilegios dos escamoteadores de sortes».

Os portugueses que amam a sua Patria, desconfiados das palavras que tudo prometem, mas nada realisam, estão de atalaia, mas dispostos a trabalhar com o exercito, se o exercito servir a nação.

JA por vezes aqui nos referimos a imperiosa necessidade dum hotel moderno em Ponta Delgada, a fim de que, quem queira visitar a encantadora ilha de S. Miguel, tenha onde se alojar, com um certo conforto.

Ha mais pessoas da mesma opinião, com uma diferença apenas: é que não procuram dotar a capital dos Açores com tal melhoramento, 40 a 50 quartos, o que estava ao alcance de qualquer pessoa que dispozesse duns 300 contos, e os quizesse empregar nessa industria riquissima que é a hoteleira. Infelizmente querem logo Palaces, Casinos, Bars e muitas outras coisas que competem a uma grande estação de turismo, esquecendo-se que é de vagar que se vae ao longe, e que para se poder chegar a uma grandeza dessas é preciso começar por baixo.

Quere dizer: a quimera do Hotel no Castelo de S. Jorge tenta ainda outros fantasistas...

* * *

O DR. Antonio Barroso Pereira Vitorino, no seu recentissimo livro *Impressões Sociais*, tratou de estudar o nosso tempo, nos seus problemas principais, de modo a mostrar bem, com uma eloquencia convicta e tocante, que o progresso dos povos só é verdadeiro quando a ideia do bem o orienta e inspira.

Ainda esta semana publicaremos um dos seus capitulos mais interessantes.

* * *

VAE começar o assentamento da via na linha do Vale do Sabor, entre Carviçaes e Mogadouro, numa extensão de 43 quilometros, estando já ha alguns anos construidas as estações de Freixo de Espada á Cinta, Lagoaça e Bruçó.

Esta linha deve, mais tarde, seguir até Miranda do Douro e Vimioso, por causa das riquissimas pedreiras de alabastro desta ultima localidade.

* * *

A COMPANHIA Marconi pediu licença para estabelecer um cabo sub-fluvial entre o Bom Sucesso e a Fontainha para as comunicações entre a sua Central e o posto receptor de Vendas Novas. Foram mandadas ouvir as estações competentes sobre o assunto.

* * *

APRESENTARAM SE no ministerio das Colonias o alto comissario de Moçambique, sr. Azevedo Coutinho, seu secretario, o major sr. Mario de Azevedo Coutinho e o 1.º tenente sr. Duarte Silva.

* * *

PELO «Cap Norte» são ámanhã expedidas malas postaes para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 8 horas da manhã a ultima tiragem da caixa geral.

* * *

SEGUNDO a Havas, chegou a Nova York o Senhor Arcebispo de Braga, chefe da delegação portuguesa ao Congresso Eucaristico, que se realiza em Chicago.

* * *

A PEDIDO do governo de Macau, por causa da situação da China, vai ser dada ordem para que o cruzador «Republica» permaneça ali até ulterior resolução.

* * *

FOI exonerado de vogal da junta de Saude Naval, o capitão de fragata medico sr. Ponces de Carvalho e nomeado para o substituir, o capitão tenente medico sr. Carvalho Miranda.

A policia...

... e o "foot-ball"

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

Senhor Director: — No dia 11, pelas 20,30 horas, quando após o jantar me dirigia para a casa Fonsecas, Santos & Viana, onde estou empregado, a fim de fazer serão, passou-se o seguinte edificante caso de que fui vitima e passo a relatar.

Quasi ao fim da Travessa Nova de S. Domingos, onde resido, achava-se um magote de improvisados futebolistas pontapeando uma bola de papel; por meu mal, quando atravessava a zona perigosa formou-se uma «melée», na qual me vi subitamente envolvido, sendo atingido pela bola; afastei esta para fóra do passeio com o pé, e continuei o meu destino. Quasi ao voltar a esquina para a Rua dos Correeiros e emquanto o «match» continuava com grande ardôr, um ilustre cavalheiro põe-me a mão no ombro e diz-me: «Acompanhe-me á esquadra!» Não compreendendo bem o que queriam de mim, tal era a minha surpresa, perguntei-lhe quem era e o que pretendia, ouvindo a seguinte resposta ao mesmo tempo que mostrava um cartão de identidade: «Ande lá para a frente, você julga que lá por ser «papo-sêco» me enrola?».

Protestei inutilmente, porque a zelosa autoridade sem nada mais me dizer ao chegar á porta do posto do Teatro Nacional fez a minha apresentação dizendo: «Este «gajo» está autoado por andar a jogar á bola na rua», e imediatamente desapareceu.

O chefe da esquadra perguntou: «Então que ha?» Senhor Chefe, eu... Cale-se, paga 12$00 ou vai lá para cima!

Senhor Chefe, mas V. Ex.ª ainda não me ouviu, ha aqui um equivoco... «Cale-se, cale-se e pague se quizer!»

Sem saber bem o que fazer, fiquei em vão esperando me fizessem justiça e me dessem as satisfações a que tinha direito.

O guarda «caçador de multas», que é o «numero 2232», eclipsou se totalmente, mas em compensação um senhor cabo extraordinario fisionomista, que naquela altura chegou, depois de o informarem do motivo porque eu ali me encontrava, disse com grande ar de triunfo e inteligencia: «Não admira, ele todas as tardes ali anda na rua a correr atrez da bola. Tenho-o lá visto com os meus olhos!»

—O senhor cabo está enganado, dou-lhe a minha palavra de honra, respondi. E logo o chefe, iracundo: «Qual palavra de honra nem meia palavra de honra, essa tem piada», e escarnecia de mim, rindo á gargalhada. Revoltei-me por este vexame e observei-lhe que eu tinha o direito de falar como pessoa digna, não admitindo que o facto de empregar a minha palavra de honra désse motivo a risotas, mas eis a resposta que eu tive:

—Se continuas a deitar as unhas de fóra, vaes para o calabouço, eu arranjo te a caminha!

Como v. vê, sr. director, a unica coisa que tinha a fazer era pagar, e foi o que fiz.

Não tendo podido convencer os ilustres ornamentos da esquadra do teatro Nacional com a minha palavra de honra, empenho-a a v., garantindo a veracidade do que deixo exposto.

Com muitos agradecimentos e a mais elevada consideração, peço a subida fineza de me fazerem a justiça que me assiste, publicando a presente carta no mui conceituado jornal de que v. é mui digno director,—De v., etc., *Manuel Braz Mendes.*

FOTOGRAFIA AMERICA
R. Registo Civil, 6, 1.º
INTENDENTE

Dr. G. de Brito Chaves
Clinica geral—Rins—Vias urinarias
Cons. ás 16 h.—Classes pobres ás 11 horas
Rua Rosa Araujo, 8-A. Tel. N. 4696

ARNALDO BRAZÃO
ADVOGADO
Praça dos Restauradores, 13, 2.º

Dr.ª Adelaide Cabete
Tendo regressado do estrangeiro retomou a sua clinica. Praça dos Restauradores, 13, 2.º

TERMAS DE LUZO
Situação privilegiada
Abriu em 1 de Junho

CRONICA LITERARIA

O romance

A "Casa do Outeiro,,

de Pires de Lima da Fonseca

e a literatura "de regresso,,

Num *Essai sur le roman*, acabado de saír, e ao qual se refere um dos ultimos numeros da *Revue Universelle*, Georges Duhamel refere-se dest'arte aos romances de ideias:

«*L'idéoligie est le vice, parfois secret, parfois étalé des ouvrages romancsques. Mauvais conteur celui qui invente des personnages pour soutenir ses théories. C'est en voyant vivre vraiment des hommes dans la vie et dans les bons livres que nous prenons énergiquement conscience de certaines idées et non en écoutant des héros de romans déclamer d'arides propositions philosophiques*».

Tais palavras, escritas a proposito dos romances filosoficos de Voltaire, mereceram esta observação de Robert Kemp:

«*O perfidie du style! Pourquoi M. Duhamel veut-il que les héros des romans philosophiques «déclament»? Ou que leurs propositions, — il ne veut pas user du léger mot propos, — soient «arides»? Les personnages de Candide parlent le plus naturellement du monde, et leurs propos, loin d'être arides, me paraissent succulents, car ils agitent des problèmes qui se posent à nous sans cesse, et ainsi ils nous enseignent à considerer la vie et les hommes d'une façon plus intelligente et plus sage*».

Citei estas palavras a proposito de *A Casa do Outeiro*, romance recentemente publicado por Pires de Lima da Fonseca. Foi Maria da Graça, a figura central desta obra, quem me sugeriu a sua citação. O que não quere dizer, todavia, que esta figura declame, e que as suas palavras constituam aridas proposições filosoficas. Tampouco Pires de Lima da Fonseca é um mau narrador, pelo simples facto de Maria da Graça ter sido inventada para sustentar, não direi *ideologias*, porque ideologias não ha neste livro, mas as teorias sociais do autor. Trata-se, no entanto, dum livro de ideias; e para que essas ideias se corporisassem, e se manifestassem através duma pessoa, o autor creou esta Maria da Graça, nobre e simpatica na sua missão, mas destituida, em meu entender, de realidade.

Não veja o leitor, nem veja o autor propositos de critico nesta simples observação. Nunca a ideia de fazer critica literaria me preocupou: a missão implica responsabilidades com que não quero arcar. Se, todavia, alguns predicados de critico a benevolencia dos leitores encontrar nestas observações, pódem crêr que acorreram ao bico da pena com a mesma natural'dade, e até com a mesma inconsciencia com que Mr. Jourdain fazia prosa... Mas é dificil encontrar realidade na figura de Maria da Graça, quando nos lembramos que entre ela e as ideias do bisavô D. Pedro Roiz, que Maria da Graça pretende adaptar ao condicionalismo da sua epoca, medeiam duas gerações inconoclastas: a geração do avô, liberal e revolucionario, á maneira dos apostolos da redenção dos povos pelas ideias fraticidas da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, e a geração do pai, sceptica, epicurista, lida em Renan e D'Annunzio, e politicamente embevecida com as maravilhas da Democracia. Quer o pai, D. Antonio, quer o avô, D. Alvaro, eram dois nobres, mais que desarreigados da sua provincia e do seu solar — a pequenina Patria local — desarreigados da Terra-mãe, foragidos, exilados voluntariamente de Portugal e perdidos na confusão da Cosmopolis europeia. Como é que Maria da Graça, neta duma estrangeira e filha duma outra estrangeira, mal tendo conhecido a mãe e logo de pequenina entrada no colegio, donde em seguida transita para a companhia do pai, que era «estructuralmente um epicurista, em quem numa educação feita á flôr das coisas tornara dum negativ'ssimo indolente e literario», — como é que Maria da Graça, saída dum colegio onde, certamente, lhe não foi ministrada uma educação tradicionalista, entra na vida com a preocupação de restaurar a nobreza dos seus avós e o esplendor da sua casa de Portugal, que ela nunca viu, e de o pai nunca lhe poderia ter falado com ternura? Como foi que nasceu numa rapariga inglesa, que nunca viveu nem conheceu um ambiente português, mais que o desejo, a aspiração veemente de restaurar a nobreza em Portugal? Ainda se ao menos ela fôse levada a restaurar a Casa do Outeiro pelo mesmo vago *snobismo* que levou a avó Dora, tambem inglesa, a resgatar as pratas da casa, para que o brazão da familia do marido não andasse aos trambolhões por mãos alheias... Mas, não; nada existe em Maria da Graça, felizmente, que a torne semelhante a qualquer multimilionaria americana desejosa de contraír, na Europa, um casamento que lhe dê a posse dum castelo cheio de tradições que os *dollars* nunca puderam mandar fabricar...

* * *

Maria da Graça existe, pois; embora como ficção literaria, e como as personagens do *Candide* de Voltaire, agita problemas que sem cessar se põem diante do nosso espirito, nestes tempos «de regresso» que vamos atravessando. A função, já atrás classificada de nobre e de simpatica, que esta figura desempenha no romance, é de molde a absolver o autor do pecadilho de a ter inventado. Seria bem melhor no fim de contas, que tal papel, em vez de ser desempenhado por uma estrangeira, tivesse cabido a uma boa *portuguesa de Portugal*, simbolo perfeito e sintese de todas as virtudes e de todos os defeitos da mulher portuguesa, que por um profundo exame de consciencia e por uma revivescencia de todas as forças psicologicas portuguesas, fôsse levada, ela, uma mulher a servir de instrumento á Providencia, na restauração da «Pequena Casa Lusitana», que é, afinal, a *Casa do Outeiro* em ponto grande, destruida pela vesania e pela inconsciencia dos homens.

A concepção que Maria da Graça tem, por exemplo, da nobreza, é simultaneamente a mais antiga e a mais moderna, a mais humana e, ao mesmo tempo, a mais social. Tudo, no fim de contas, no capitulo nobreza, se resume numa palavra: *servir*. Os nobres não são os que mais direitos têm; são, pelo contrario, os que mais deveres têm a cumprir. Quanto se enganam os pisaflôres e casquilhos do Chiado, frequentando, ás cinco da tarde, as lojas de chá, só pelo prazer de se cumprimentarem uns aos outros: «como está, vinconde? como passou, marquez?» — muitos se enganam ao supôrem que o simples facto de terem possuido um avô que andou nas Indias, lhes dá o direito de nada mais fazerem do que «dizer mal, na rua, do que os outros fazem em casa»! (A observação é do autor da *Casa do Outeiro*, mas não vem no livro). Antonio Sardinha, que na sua lapidar *Teoria da Nobreza* deixou tudo dito, sinteticamente, a tal respeito, algumas vezes me sugeriu a ideia de escrever uma novela sobre o tema seu conhecido, duma velha vila alentejana que, literalmente, se corrompeu no dia em que a sua principal familia, pela corrupção se dissolveu igualmente.

Nas suas linhas gerais, pois, que vem a ser a *Casa do Outeiro?* Um exemplo a seguir pelo que nos resta da antiga nobreza territorial; um exemplo ainda no dominio literario, pela directriz que marca áqueles dos nossos escritores que andam pelos jornais e pelos livros consumindo o estilo á procura dum assunto e duma ideia. *Regressar*, deve ser neste momento o *mot-d'ordre* da vida nacional portuguesa: e como a literatura é um meio eficaz de influir no espirito publico — embora menos eficaz do que o jornalismo — os escritores portugueses devem pôr a sua pena ao serviço do *reaportuguesamento* de Portugal. O tempo dos cisnes e pavões passou, a não ser para os eunucos da sensibilidade, como anteriormente passára já, o tempo das Madonas do Campo Santo, de Fialho. Ao serviço dessa reaportuguesação necessaria, Pires de Lima da Fonseca colocou, mais uma vez, os seus provados recursos de romancista e as suas grandes qualidades de escritor. Honra lhe seja!

AUGUSTO DA COSTA

Mundanismo

Aniversario

Faz ámanhã anos o nosso querido amigo e ilustre clinico sr. dr. Arbués Moreira.

A caridade

No Palacio Fronteira

Um dos assuntos predominantes no nosso meio mundano é, sem duvida alguma, a encantadora festa de caridade que na noite de 23 do corrente se realisa nos magnificos jardins e terrassos do aristocratico Palacio Fronteira, em S. Domingos de Bemfica, amavelmente cedidos pelos srs. condes da Torre e cujo produto se destina á fundação de um lactario em Bemfica, constando de uma interessante «verbena» com todos os caracteristicos destas festas regionais do visinho reino, havendo no «tentadero» do palacio, uma sensacional diversão tauromaquica que, decerto será o «clou» da elegante festa de caridade. Nesta diversão tomam parte além do brilhante «rejoneador» D. Antonio Cañero, a que ontem nos referimos, figuras na arte tauromaquica com os srs. Victorino Froes, o grande mestre da arte de Marialva; D. Ruy da Camara (Ribeira Grande), o cavaleiro fidalgo, D. Alexandre Mascarenhas (Fronteira), distinto cavaleiro amador e outros amadores de grande nomeada, a que depois nos referiremos.

Os pedidos de bilhetes para esta festa de caridade ao ar livre, devem ser requisitados para o Palacio Fronteira, em S. Domingos de Bemfica, telefone 9, Bemfica.

No Trindade

Revestiu extraordinario brilhantismo a recita de caridade realisada ontem neste teatro, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, a favor da Casa de Trabalho de Nossa Senhora do Bom Conselho; sendo o programa do espectaculo, que deixou a melhor impressão na selecta assistencia, organisado pela ilustre artista sr.ª D. Lucilia Simões.

O aspecto da linda sala do Trindade na noite de ontem era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande numero de senhoras da nossa primeira sociedade e do corpo diplomatico, que deram ponto de reunião, entre as quais nos recordam os seguintes nomes:

Madame Padilla e filha, madame Voretch, madame Koren, duquesa de Palmela, marquesa Fontes Pereira de Melo, condessa das Alcaçovas, condessa da Ponte e filhas, condessa de Taboeira, condessa de Rilvas, condessa das Galveas (D. Maria Guicmar), condessa da Povoa, viscondessa do Tramagal, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Luisa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Eugenia Machado Ribeiro Ferreira, D. Maria Eugenia de Mendia de Lancastre (Alcaçovas), D. Teresa Lobo de Almeida de Melo e Castro de Vilhena, D. Guilhermina Iglezias O'Neill, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filhas, D. Natalia Muñoz y Puig, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e filha, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Margarida Hintze Ribeiro e filhas, D. Maria Teresa Cabral Metelo Parreira e filha, D. Berta Mauperrin dos Santos Castelbranco, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Helena de Faria Calvet de Magalhães, D. Maria Cristina de Arriaga Xavier da Costa e filhas, D. Amelia Valejo de Oliveira e Silva, D. Berta Marques da Costa Luppi, D. Clarisse Marques da Costa Pinto Bastos, madame Terra Viana, D. Emilia Cardoso Pedreira e filha, madame Barbosa Collen e filhas, D. Maria Teresa Machado Ferreira Carvalho e Silva, D. Ana Cabral da Silva e filhas, madame Cabral Sacadura e filhas, D. Luisa Portocarrero da Mota Ferreira Cardoso e filhas, D. Maria de Lancastre de Almeida Garrett, D. Raquel Iglezias de Sousa, D. Palmira Lobo de Avila Lima, D. Branca Patricio Cancela de Abreu, D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Margarida Cambon Brandão, D. Sára Lobato de Melo, D. Emilia Ferreira Maia, D. Antonia Taborda Couto Bandeira de Melo, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Alice de Castro Neves, D. Maria de Sequeira Rio de Carvalho, D. Elvira Diogo da Silva, madame Diogo da Silva Teixeira Marques, D. Assunção de Mendóça de Melo Mendes da Silva, D. Helena Calvet de Magalhães, D. Berta Cambon, D. Stela de Lencastre Laboreiro Fiuza, mademoiseles Oliveira, Monteiro, Alto Mearim e Teixeira de Azevedo, etc., etc.

No Asilo D. Pedro V

Em vista do exito alcançado pelo elegante festival espanhol, que na noite de sabado, 5 do corrente, se realisou na cêrca e jardins do Asilo D. Pedro V, ao Campo Grande, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa sociedade elegante, sob a presidencia da ilustre escritora sr.ª D. Maria de Sequeira Rio de Carvalho (Miriam), no qual tomaram parte grande numero de senhoras da nossa melhor sociedade, e, atendendo aos enumeros pedidos que lhe têm sido dirigidos, a ilustre comissão resolveu repetir o mesmo festival na noite de sabado, 28 do corrente, com o mesmo programa.

Os bilhetes para esta festa devem ser requisitados para casa da sr.ª D. Maria de Sequeira Rio de Carvalho, rua dos Ferreiros (á Estrela), n.º 3, r/c ou para a direcção do Asilo D. Pedro V, Campo Grande.

PHOTOGRAPHIA BRASIL
Retratos de Arte
SILVA NOGUEIRA
R. da Escola Politecnica, 141

A ORIGINAL

R. da Palma, 266-A

Aos que trabalham e aos que vivem dos rendimentos
e que, certamente, não deixam de passar alguns dias no campo e praias, lembramos a conveniencia de visitar esta casa, onde encontram todos os artigos de viagem a preços reduzidissimos.

PAGINA SEMANAL

Teatro e Belas Artes

por Artur Portela

Os desterrados

e as consequencias do conflito jornais-teatros

Eu e o leitor descansámos um mês. Reatamos hoje estes dialogos semanais em que um de nós fala e o outro ouve, falando tambem, ora pela aquiescencia cortez, ora pela negativa imparcial e justa. Embora eu tenha atravessado já a fase de discutir teatro, não me posso furtar, nesta primeira cronica, a tratar dum caso no qual não tive interferencia, mas que se me afigura, sob todos os pontos de vista, importantissimo: Refiro-me ao conflito suscitado entre as emprezas jornalisticas e as emprezas teatrais, que modificaram sensivelmente as relações entre ambas. Da amizade anterior, e embora condicionada, passou-se a um periodo de hostilidade latente, que ainda dura e que, decerto, é mais prejudicial aos teatros do que aos jornais. Em Portugal é sempre dificil resolver um problema. Subordinamos continuamente a inteligencia ás reservas de ocasião, quando devia ser o contrario. O periodo revolucionario em que temos vivido, e que alguns querem classificar de *actividade*, demonstra bem que, embora todos os portugueses falem português, cada um possui o seu dialecto. Dialecto de interesses e, principalmente, de pouca concordancia, de nenhuma harmonia. A' palavra que tudo resolve—e que é um juramento, um facto, uma esperança ou um penhor—a violencia que só determina violencias, vinganças e represalias. Mas isto está-nos no feitio, como uma tara morbida, que nenhum tratamento de alta cultura, por mais intenso que seja, consegue aniquilar de vez.

No conflito teatro-imprensa ou imprensa teatro, não apareceu nenhuma boa vontade que pudesse orientar os espiritos no caminho duma solida e duradoira comunhão. Estou mesmo em afirmar que os verdadeiros interessados não apareceram. Essa ausencia confrangeu me. Apatia? Indiferença? Incompreensão de que as suas regalias eram profunda e irremediavelmente feridas? Ha colectividades de nome e tão pomposo estilo que, quando aparece alguem a criticá-las esse alguem é tido por desafecto ou despeitado. Dos dois qualificativos—nenhum me serve. A Associação dos Trabalhadores de Teatro, como sindicato, merece-me todo o respeito, muito embora esteja convencido que o titulo não corresponde âquela acção que seria para desejar. Quem, se não ela, devia aplanar os lances dum conflito, sofisticamente solucionado, num arreglo que não satisfaz nenhuma das partes em litigio? Sôbre quem recaiu, afinal, o desfavor da imprensa, maltratada pelos empresarios? Sôbre os artistas—artistas que não se congregaram para defender a tempo os seus interesses, melindrados pelas sanções que os jornais aplicaram. Bem sei que as empresas jornalisticas responderam, golpe a golpe, aos seus adversarios—mas, como sempre, os culpados, se culpados houve, passaram pela malha, ficando, todavia, os inocentes enviscados num pleito que não provocaram, mas de que estão sofrendo o pezo duro, total e completo.

Outra teria sido a solução do conflito se os artistas aparecessem na ocasião propria, agradecendo á imprensa os favores que dela recebem—o que não seria desprestigiante,—e dizendo-lhe: contra os emprezarios e não contra o teatro, contra o teatro e não contra os artistas. A questão ficaria, talvez, colocada no seu verdadeiro pé — e o *silencio branco* não seria o exilio de todos aqueles que já conquistaram nome para se impôr ou precisam dele para não morrer asfixiados, impiedosamente, nas cabalas dos bastidores.

A vida do artista é um fenomeno que não pode passar sem registo. Exige-o a sua profissão —muito para publico, muito publica. Não é só o artista, mas o escritor, o musico, o poeta, todos aqueles que oferecem aos outros o seu pensamento ou a sua arte. Além da critica, que é um momento, que é um dia, o cadastro semanal do artista a justificar o seu contacto directo com a imprensa — que publico é, não de uma plateia, mas de 20 ou 50 mil plateias — afigura-se-me uma necessidade vital onde a vaidade se existe, não tarda a desaparecer aniquilada pelo peso das responsabilidades. Este favor, que até ha pouco era dispensado pelos jornaes — morreu. Retirado aos emprezarios—estes em vez de entrarem pela porta das redações, batem como qualquer comerciante ou industrial nos *guichets* administrativos. Está certo—prin-principalmente quando ha dinheiro. Tal resolução prova que o ha em abundancia.

Mas... voltemos aos artistas, aos desgraçados artistas, tão descuidosos nas suas regalias consultudinarias. Os empresarios, por um espirito de justa economia, ocupam os jornais com os titulos e as qualidades das peças que montam, sem quererem saber se o comediante valorisa ou não, com o seu trabalho e com o seu publico, as representações. Daqui um erro grave, que se reflecte sobre ambos. Mas não é só este. Se assim fosse, a importancia do conflito ficaria sensivelmente diminuida.

Depois dum ano de trabalho, o artista mal pago, crivado de dividas e de duvidas, tenta melhorar ou atenuar a situação. Apela para a festa—uma das clausulas do contracto mais dificeis de cumprir por parte dos empresarios. A' sua disposição, seja drama, comedia ou revista, tem uma peça velha, cansada por dezenas de representações, impossivel já de galvanisar no interesse do publico. Depois, paga a casa—pelo menos quatro contos. A diferença para a receita bruta —é sempre um enigma doloroso. O teatro é pequeno; o espectador não veio; chove; houve uma tourada de tarde, uma revolução de madrugada, outra festa na mesma noite; o boato insidioso, alarmante...—e o beneficio foi-se por agua abaixo, tendo muitas vezes o artista, para fazer frente á despesa que a receita não cobriu, de se empenhar, tragicamente. E' a miseria. O lodaçal. O escarneo dos colegas que um acaso favoreceu nas mesmas circunstancias, e que impam logo jactancias de consagrados.

Como se tudo isto não fôsse verdade, a iniludivel e clara verdade, atestada por tantos desastres em que o merito dos artistas não entra em equação—são os mesmos artistas que deixam fugir o apoio da imprensa. Isto é—o seu pão, um raiozito de luz na gehena formidavel da necessidade material, dia a dia mais cruel e mais constante. Se todos os emprezarios, o que não creio—porque ás vacas gordas sucedem-se as vacas magras, onde o leite já não apoja—podem pagar a publicidade de que necessitam: o artista, não. Onde lhe vai parar o pobre dinheirito da festa, tão escorrido! tão suado! tão ralo!

A' miseria, mais miseria ainda, sem possibilidade de resgate, nem salvação. Não foi por causa deles, nem contra eles que se fecharam as portas da imprensa, bem o sabem—mas o mal de uns, e a discrepancia dos outros recaem sobre a sua cabeça e sobre a sua vida.

Não estou aqui para conquistar simpatias, nem para receber cartas de aplauso. Não as espero. Bastam-me as anonimas... Mas, muito sinceramente, como critico ou apenas como jornalista que nunca tivesse tido a infelicidade de escrever uma linha de teatro—lembro:

Que todos os artistas, em face desta situação que lhes foi criada, e na qual não tiveram nenhuma interferencia, vão junto das emprezas jornalisticas, *sómente* com o apoio da sua associação, dizer da sua justiça e fazer o seu pedido. Não é curvar a espinha—é aclarar um caso a que foram alheios.

Já não se trata de interesses artisticos, discutiveis conforme a oportunidade, mas do seu pão—do sagrado pão dos filhos. Estou certo que as empresas não os desatendem, porque lhes será facil estabelecer um criterio nitido que permita distinguir, no conflito travado, quais os adversarios —passe a palavra que desejaria substituir por outra que dissesse entendimento—e quais os espectadores ocasionais...

A crise. Salvo uma ou outra excepção que se aponta curiosamente a dedo—os teatros estão fazendo dois contos por noite! Nem mais, nem menos—dois contos. Tanto como a ruina. Tanto como o descalabro. A recente perturbação revolucionaria deu impulso ao *deficit*, no plano inclinado onde ele ha muito estava detido por milagre Mais um problema, a juntar aos muitos problemas que em Portugal são de geração expontanea e que nós deviamos exportar para o estrangeiro a troco de bom senso, de maleabilidade e finura intelectual, e ainda dum espirito de concordia, que é letra morta nos costumes nacionais.

A crise?—dirão os senhores—mas é de ontem, tem um ano, já se escrevia contra ela ha dois! Concordo. E' verdade! O mal vem de longe, como os erros politicos que parecendo sempre novos, são apenas reflexos de erros velhos, irizados pelo tempo e pelos acontecimentos. A crise começa no cartaz, onde a produção nacional não surge. E' para preguntar: onde estão os nossos dramaturgos? Substituiram o trabalho activo pela contemplação infinita? Depois do cartaz—a dispersão dos valores artisticos: uns arredados, outros exilados, outros neurastenicos, desanimados, com ancias de emigrar para a provincia, para o estrangeiro, para onde calhe.

Ha ainda a considerar as consequecias do conflito que acima abordei e tratei sob um unico prisma. Tudo isto serve de lastro a uma situação tão cronica que já é classico diagnostica-la em negros adjecticos. O mal alastra. A gangrena começa por um ponto, logo ganha terreno e faz mancha: por fim é o corpo todo. As sanies escorrem de toda a parte. Entre o doente e o cadaver ha apenas um fio de agonia. E nem um unico medico. Nem mesmo um veterinario que, em caso de aperto pode servir muito bem. Para onde vamos? Vistam-se de preto que a hora do enterro é para já. Na janela do quarto onde doente morre, velho, miseravel, incuravel, ouve-se o tumulto da rua. Somos todos nós a gritar, *purria* de rapazio, lapidando as vidraças, que incendeiam, em instantes, risos escarlates de loucura. E' o pandemonio.

O ultimo fado galego nas revistas; a casa de Garrett desacreditada, barril do lixo que o Estado abandonou, onde rebrilha ainda o ouro inconstante de certos valores artisticos; a comedia—um farrapo situada na farça e sem despejo possivel...

Para onde vamos? Para onde vamos?

E' já tarde para tentar alguma coisa. O verão vai ser um deserto. Tudo abala. Para o outono, quando voltarmos, o espectaculo é o mesmo.

C'est la combine, la vrai combine; tout l'mona' connait c'truc-là—como canta a Parisy's, voz esfarrapada, aguda de lagrimas, uivando como os lobos acossados pelo vento rugoso da desgraça.

C'est la combine, onde tudo está bem e nada está certo. Onde o mal se disfarça com sorrisos cobardes de beleza. E' a arte de rastros; a verdade de rastros e muito ouro, feito de lama, de rastros tambem.

Porque não acabar com isto ou principiar de novo? Irmos muito longe e depressa, ou desistirmos?

Porque não escrever, dizer e sentir, olhando o naufragio do teatro português: Ainda é tempo! Inimigo sê meu irmão; duas vontades sinceras têm a força do destino: salvemo-lo!

Artur Portela

Farinha Peitoral Lactea
CENTAZZI
A saude das crianças.
A força dos convalescentes.
A energia dos velhos.
Procurar nas casas que melhores produtos vendem.

A PATRIA
SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20 A
Telefone 362 C
SEGUROS DE VIDA
e em todos os outros ramos.

A Cidade

Tintura Vildizienne n.° 2
A melhor para os cabelos e a de mais facil aplicação
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
LISBOA

Chá das cinco

Os acontecimentos

Com o calorsinho que hoje caiu sobre a cidade — acalmaram os boatos. Apesar de o «Diario de Noticias» anunciar, de madrugada, uma nova marcha de tropas sobre Lisboa, toda a gente calculou que se tratava dum «cauchemar», proprio da hora a que foi redigida a informação.

Tanto mais que as tropas, a essa hora, dormiam. Ora se dormiam, não avançavam. E se quizessem avançar, não tinham pegado no sono; tinham pegado nas armas.

As armas, felizmente, continuavam ensarilhadas. E é por isso mesmo que se diz que anda tudo num sarilho...

Do «Seculo» de ontem:

«O sr. Mousinho de Albuquerque, com quem nos avistámos, recebeu-nos um pouco agrestemente...»

Do «Seculo» de hoje:

«O sr. Mousinho de Albuquerque, que amavelmente nos recebeu...»

E fica a gente sem saber se o sr. Mousinho de Albuquerque é agreste, ou é amavel.

O jornalista dirigiu-se ontem a um passageiro do rapido, que vestia á paisana.

—V. ex.ª é que é o major sr. Sena Lopes?

—Ora essa! Então o senhor acha-me com cara de major!?

Palavra de honra, que não percebemos o espanto da criatura. Disse-nos depois que era de Santarem e assinante do «Diario de Noticias».

O coronel Pimenta de Castro lembrou-se de desembarcar ontem do rapido. Como era necessario que alguem trouxesse as «reclamações dos oficiais da 3.ª divisão», logo um jornalista se lembrou de dizer que era o comandante da 7.ª o portador das reclamações da 3.ª. E' o que se chama um jornalista de 1ª.

E sobre os acontecimentos — não ha mais nada. Os politicos continuam a reunir todas as tardes no Chiado, proximo do electrico da Estrela, onde vão desfolhar goivos na campa duma saudade já morta. Ao Palacio das Côrtes chamam agora o Pantheon do Silencio...

Norberto Lopes

Musica

O quarteto «jazz-band» do ALSTER PAVILLON, oferece-se para qualquer serviço em Lisboa ou arredores.

Trata-se na rua Sebastião Saraiva Lima, 15, 2.°, direito.

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
s/ Londres, cheque	—	94$75
s/ Madrid	—	3$05
s/ Paris	—	$55,5
s/ Suiça	—	3$78,5
s/ Bruxelas	—	$57,5
s/ Nova-York	—	19$55
s/ Amsterdam	—	7$85
s/ Italia	—	$71
s/ Brasil	—	3$00
s/ Praga	—	$58
s/ Suecia	—	5$24
s/ Austria	—	2$77
s/ Berlim	—	4$67
Libra esterlina	96$00	99$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1.ª serie	578$00
6 1/2 0/0 1923	535$50
Acções do Banco de Portugal	710$00
» do Banco Lisboa & Açôres	410$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	695$00
» da Companhia Port. de Fosforos	82$50
das C.ias Reun. Gaz e Electricidade	93$00
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

A LEGIAO VERMELHA

Regressarão

á Metropole

onde vão ser julgados

os deportados da Guiné

Uma das medidas que mais agradariam á organisação operaria — e os seus representantes já o fizeram sentir ao governo — seria o imediato regresso á metropole dos individuos que, acusados de «legionarios vermelhos», fôram deportados para a Guiné e Cabo Verde.

A fim de serem postos em liberdade? Não. A propria organisação operaria não vai tão longe.

Pretende-se apenas que esses homens sejam rapidamente julgados, conforme as leis vigentes.

E' exagerada essa pretenção?

Trará esse regresso algum perigo para a ordem publica?

Parece-nos que não. E o mesmo pensa o governo, que está disposto a satisfazer esse pedido.

* * *

Façamos um pouco de historia:

Houve um largo periodo de terrorismo que provocou uma *révanche* do governo e das autoridades, de certo modo justificada.

Os atentados sucediam-se. Em nome duma organisação que se apelidou de «Legião Vermelha», cometeram-se as mais audaciosas proezas: exigencias de dinheiro em Bancos e em casas particulares, assaltos nas rúas, etc.

A policia pôz-se em campo — e começou a prender os «legionarios».

Mas — diz muita gente — nessa onda, fôram envolvidos numerosos rapazes e alguns velhos que nada tinham com a «Legião», nem sequer concordavam com os seus actos.

Diz-se tambem que houve até pessoas que fôram presas, pela simples circunstancia de figurarem nos registos policiais de ha muitos anos, como anarquistas perigosos.

Entretanto, os atentados continuavam — e para lhes pôr côbro, o governo agarrou nos presos e mandou, uns para a Guiné, outros para Cabo Verde.

Foi violenta essa medida? Não ha duvida. Mas as autoridades justificaram-na com as circunstancias excepcionais do momento.

Em Africa morreram alguns dos deportados. Outros fugiram, tendo dois deles estado, já esta semana, em Lisboa.

* * *

Hoje, que a Ordem se encontra assegurada e o país está entregue á força armada, não ha, realmente motivos bastante ponderosos que evitem o regresso desses individuos e o seu imediato julgamento.

Apuradas as respectivas responsabilidades, cada um seguirá ao seu destino, tendo-se, em conta, para a apreciação de cada processo, o longo tempo de prisão e de degredo já sofridos.

* * *

Preguntarão alguns leitores timidos:

—E isso não trará uma *réprise* dos atentados e das bombas quasi diarias?

Não tenhamos receio. Porque, se o governo, resolvendo a situação desses homens demonstra força, saberá igualmente usar dessa força para reprimir qualquer tentativa de desassocego e de terrorismo.

O caso dos cartazes

do concurso da casa "Tinoca"

A proposito duma carta que ontem publicamos, a pedido do sr. Leitão de Barros, recebemos do sr. Costa Mota, sobrinho, a seguinte missiva, cuja publicação nos é pedida:

Sr. director; — Tendo visto, no seu muito lido jornal, uma carta em que se fazem afirmações menos verdadeiras á «Tinoca» áceres do concurso de cartazes efectuado em dezembro ultimo, em nome do Comité do Nitrato do Chile, venho, como presidente do juri que fez a classificação das «maquetes», afirmar:

1.° — Que a exposição esteve aberta desde 20 de dezembro de 1925 até ao dia 15 de janeiro de 1926.

2.° — Que as «maquetes» classificadas foram as dos ex.mos srs. Eduardo Romero, professor da Casa Pia de Lisboa e Carlos Nunes Botelho, a quem foram imediatamente pagos os respectivos premios de Esc. 3.000$00 e Esc. 2.000$00.

3.° — Que do juri faziam parte dois administradores que em nada influiram na classificação artistica que fiz com os meus colegas no juri, os ilustres artistas ex.mos srs. Ezequiel Pereira e Antonio Couto.

4.° — Que a «Tinoca» tanto neste concurso, como no efectuado em fevereiro de 1924, demonstrou praticamente muito desejar incitar os artistas portugueses a cultivarem o genero reclame, sendo para lastimar que o seu exemplo não frutufique.

Escrevem-nos igualmente os administradores da referida firma, que, por sua vez, declaram o seguinte:

Que a «Tinoca», como agente de propaganda do Comité do Nitrato do Chile, cumpriu rigorosamente todas as clausulas do concurso que abriu para adquirir duas «maquetes» para o cartaz de propaganda do nitrato do Chile; que entregou até 31 de maio ultimo todos os cartazes que lhe foram solicitados, embora fóra do praso estipulado nas bases do concurso; que aproveitou o «Stand» que tem na Feira de Santarem para expôr algumas «maquetes» das mais interessantes, ainda em seu poder, por haverem sido abandonadas pelos seus autores, cujos nomes se ignoram, visto não terem sido abertos os envelopes com legendas; que as «maquetes» expostas em Santarem não estão ao sol e com elas têm havido os maiores cuidados; e, finalmente, que estas explicações dadas com o objectivo acima exposto, não devem ser tomadas como resposta ao autor da citada carta, atendendo ao objectivo da sua publicação e aos termos em que está redigida, os quais se abstem de classificar.

Casa dos Trasmontanos

Vai ser um facto, dentro de breves dias, a Casa dos Trasmontanos, achando-se já inscritos mais de 500 socios. A inscrição mantém-se ainda por mais alguns dias, nos locais por nós já indicados, para que todos os trasmontanos residentes em Lisboa não deixem de dar a sua adesão e para que a sua Casa seja, desde o inicio, aquilo que deve ser — a afirmação da vitalidade e do patriotismo dos filhos da altiva provincia. Vai ser convocada, por estes dias, uma assembleia magna, que se realizará prevavelmente na Sociedade de Geografia, da qual sairá definitivamente constituida a Casa dos Trasmontanos e que a seguir porá ombros á execução do programa que se propõe realizar. Os que se inscreverem até essa ocasião serão considerados fundadores.

Educação Fisica da Armada

Foi nomeado para servir na Escola de Educação Fisica da Armada o 1.° tenente sr. Marques Barreto.

Professores do liceu

Foram avisados os professores efectivos dos liceus, que tenham sido exonerados e que se encontram ao abrigo do art. 1.° do decreto n.° 10 120, que têm de requerer á direcção geral do ensino secundario a sua nomeação como professores provisorios, até 10 de Agosto proximo.

Um burlão

Foi enviado para a comarca da Louzã o processo referente a Anibal Marques de Souza, que ha tempos burlou varios individuos com passaportes falsos, apanhando-lhes a quantia de cem contos e fugindo em seguida para o Brasil, onde foi preso.

TEATRO

A "première" da revista "O Papo-Seco" é quinta feira

Erico Braga, o inteligente actor-emprezario que está á frente duma das companhias mais queridas do publico de Lisboa, vai actuar no teatro S. Luís, com a revista em 1 acto e 3 quadros, *Papo Seco*, que está despertando uma grande curiosidade nos meios teatrais.

Erico Braga é um actor cheio de aptidões. Como autor tambem já deu boa conta de si, sendo licito esperar que o *Papo Seco* alcance, no S. Luís, um exito retumbante.

Antes de subir á scena a revistasinha elegante que Erico Braga escreveu para

ERICO BRAGA

a sua companhia, quizémos ouvir da boca do autor algumas impressões. Erico fala em pleno Chiado, no Chiado em flôr onde se passa o primeiro quadro da sua «bluette».

—Então o *Papo Seco?*

—Depois de amanhã, no S. Luís.

—Tem fé na peça?

—Ela é tão pequenina, tão despretenciosa, que nem preciso de ter fé. O que imploro é a benevolencia do publico.

—O publico será benevolente...

—Assim o espero. O *Papo Seco* foi escrito por nós — e digo nós, porque tem a colaboração de rapazes amigos, que modestamente quizeram ocultar o seu nome — sem qualquer pretensão que não seja a de fazer uma coisinha agradavel.

—Isso é modestia...

—Não, não é. A revistasinha nasceu de *blagues*, de alguns ditos de espirito aproveitados na *causerie* amena do meu camarim. Alves Coelho tambem não tem a pretensão de ter escrito as *Walkirias*. Compôz alguns numeros e comprou outros já feitos no Sasseti, que é como tem graça e dá menos trabalho.

—Você é terrivel, Erico amigo...

—Qual terrivel! O que é preciso é não enganar o publico. Dar-lhe coisas agradaveis, leves e de facil digestão. Ora, o *Papo Seco* digere-se como se fôsse um pãozinho de Aliança...

—Então, adeus, até quinta-feira, amigo Erico. Lá estamos no S. Luís.

Nós e toda a gente de bom gosto. Os que não tiverem bilhete na quinta-feira, reservem-se para os dias seguintes. *Papo Seco* deve fazer um longo e brilhante estagio no cartaz do S. Luís.

BORDADOS DA MADEIRA
=Grandes novidades em bordados a cor=
Parures-Naperons-Toalhas chá-Lenços, etc.
Executam-se encomendas
EUGENIO COUTO VIANNA
R. Arco Bandeira, 70, 2.°=====LISBOA
Telef. C. 1032

A Cidade

V. Ex.as precisam de oferecer lindos brindes do mais fino gosto e novidade, e artigos de menage com uma grande economia de preço, comprem na
Loja do Rocio, 35
(Junte á Chave d'Ouro)

A ARTE

A exposição
de fotografias
a cores naturais
do Salão Bobone

A arte tem que ser utilitaria—eis um velho conceito, que os empedernidos de virilidade estetica, pretendem desmentir com vagas creações que não lhes asseguram a gloria nem o nosso respeito. Muito se tem abusado da arte em Portugal. Arte pela arte, informe, insensivel, arida, que nem de longe serve como elemento educador dum povo ou de resgate duma nação vilipendiada de efemeras inovações de escolas estrangeiras, sem cunho de beleza e de eterno. Se a cinematografia está sendo uma arte, a fotografia é outra. Até que ponto esta se integra na pintura, apoiando-a, servindo-a, mas nunca excedendo-a? A sciencia moderna, permanente na sua evolução, acaba de marcar um passo grandioso, na junção dessas duas artes.

A fotografia, que até aqui vivia apenas de luz, ascende agora, sem processos berrantes, de coloridos falsos—á tinta pura, virgem, arrancada ao modelo humano, á paisagem ou á tela, tal como ela se reflecte na objectiva, indecisa ou intensa, vibrante ou surda de irradiações. Esta objectiva-milagre, que os alemães descobriram, não fotografa—«vê», como a pupila, alastrando no cristal as setes côres do espectro solar.

O processo que chegou agora a Portugal, graças á iniciativa dum banqueiro, documenta a nitidez, o estilo e a visão pintural, nas magnificas fotografias, rodeadas de sucesso e de publico, expostas agora no Salão Bobone. E' de admirar como o modelo ganhou em expressão, e como a côr natural, traduzida pela propria radiação, se combina em nuances finissimas, onde nenhum valor se perde ou se dissipa.

O retrato de Columbano—é o genio em sonho, meditando sempre, no misterio da sombra, onde perfura um perfil macerado, de uma palidez de santo. Gualdino Gomes—marfilinio do rosto, com uns olhos gaiatos, soletrando uma vontade. Aquilino Ribeiro—beirão herculeo, corpulento, feroz na sua realidade de escritor regional, pulsante de seiva. *Aillaud, livreiro* que toda a Lisboa conhece, energia atlantica de expansão, um sorriso doce de criança.

O recorte destas e doutras figuras está certo—mas a côr, sem tintas de pincel, só agora alcançada, fá-las viver, falar, acusando geometrias plasticas, relevos psicologicos—a «nuance» viva, exacta, palpitante de cada epiderme.

Claro que este processo, mais fiel na fotografia, do que na pintura, porque esta combina as côres e aquela só as vê—depende muito do operador. Octavio Bobone, digno herdeiro do nome de seu pai, trabalha neste novo genero de fotografia, com tanta arte como segurança. Sabe «preparar» o modelo—distrai-lo até a expressão verdadeira, sincera. Depois, como um artista pintor, prepara o fundo, o ambiente, a indumentaria, pela escala de valores mais harmonicos. Só então a objectiva intervem—fixando o melhor instante e a melhor atitude.

Na exposição Bobone—temos ocasião de apreciar modelos portugueses, espanhoes e alemães. O processo venceu. O seu triunfo chegou a Portugal, onde bem depressa se espalhará e vai ser levada á America do Sul por portugueses o que é uma gloria.

O melhor café é o d'«A Brazileira»—LISBOA

Rendas de Peniche
Quem vende mais barato e tem maior sortido é a Casa de industrias regionaes portuguesas Arte e Ménage
Alecrim, 71, 1.°

OS ACONTECIMENTOS

Não ha nada
mesmo nada
informaram-nos hoje
no ministerio da guerra

Do Chiado ao Rossio, a atmosfera, ontem, tornou-se irrespiravel. Não se podia atravessar aquela parte da cidade sem que alguem se nos chegasse ao ouvido a segredar coisas tragicas, pavorosas.

Que fundamento havia nos boatos postos a correr?

Os nossos proprios colegas da manhã não garantem a sua autenticidade. Tambem os não desmentem de maneira terminante, categorica. Fazem-se-lhes alusões, mais ou menos vagas, mais ou menos directas, mais ou menos ironicas. Mas, de concreto, de positivo, o que ha? pergunta-se. E não se encontra resposta para a interrogação.

—Boatos, declaram de um lado.

—Intrigas, afirmam do outro.

Vivemos assim, hora a hora, minuto a minuto, num sobressalto, numa duvida constante. Quando se esclarecerá, emfim, a situação?

* * *

No ministerio do Interior, onde procuramos informações, não está o comandante Cabeçadas, não está o major sr. Ochôa. Ninguem que possa elucidar o jornalista. Vamos até á Guerra. O titular desta pasta tambem se não encontra. Falamos, porém, com alguem da sua inteira, da sua absoluta confiança. Alguem que fala como o general decerto falaria se tivesse tempo para se avistar comnosco e para *nos transmitir as suas impressões.*

—O que ha de verdade sôbre o avanço das tropas de Sacavem?

—Nada.

—Como assim?!

—Absolutamente nada. Garanto-lhe. Afirmo-lhe que é assim.

—E as noticias trazidas a publico?

—Carecem de fundamento.

—Pode-se-lhes opôr um desmentido?

—Categorico, terminante.

—Não houve então nada?

—Repito: absolutamente nada. Nada com o caracter anormal a que vi fazer referencias. Toda a gente sabe que as tropas de Sacavem fazem, com frequencia, exercicios. Exercicios normaes, correntes, vulgarissimos.

O oficial que comnosco conversava fez uma pausa. A nossa curiosidade insistiu. Resposta dele:

—De resto, meu amigo, se os oficiaes tivessem, realmente, algum pedido a formular, acredite que encontrariam para isso outro meio e outro argumento que não fosse a chamada marcha sobre Lisboa.

* * *

A proposito do conselho de ministros de ontem:

—Decorreu muito mais serenamente do que lá fóra se supõe. Nada das desinteligencias apregoadas.

—Com certeza?

—Com certeza.

—E a proposta do general Gomes da Costa?

—Creio que os seus colegas de gabinete a aceitam em principio. No conselho não surgiram, pelo menos, as vozes discordantes.

—Mas ha, ao que parece, quem não concorde?

—Talvez. E' quasi certo. Mas ontem ainda as divergencias se não manifestaram.

E a concluir:

—Já vê que a atmosfera se desanuviou muito para bem de todos.

O que nos afirmou
o comandante da G. N. R.

O novo comandante geral da Guarda Republicana é o coronel sr. Schiappa de Azevedo, ás ordens de quem estava a divisão de Coimbra. O sr. Schiappa de Azevedo dirigiu-se esta tarde ao ministerio do Interior, naturalmente para conferenciar ou cumprimentar o chefe do governo. Supomos que não encontrou o comandante Cabeçadas.

As palavras do distinto oficial são de segurança. Calma. Serenidade. O ajudante de ordens, que o acompanha—confirma-as.

Como jornalista que procura distrinçar boatos—e ha agora tantos boatos em Lisboa como habitantes—perguntámos:

—A razão do avanço das tropas que estavam acampadas em Sacavem?

—Não tenho conhecimento de nada!

—Mero boato...

—Assim o creio.

Intervenção do ajudante:

—Foi um dos muitos exercicios que essas tropas costumam realizar...

—... e a que se deu uma importancia excessiva, fez um de nós.

Voltou o comandante da guarda:

—Está tudo em socego.

—E nas esferas governativas...

—Só se pretende trabalhar.

—Em pleno entendimento?

—Em pleno entendimento.

—A Guarda Republicana recebe ordens do do ministerio do Interior ou do ministerio da Guerra?

—Do ministerio do Interior!

—Está v. ex.ª satisfeito no seu novo lugar?

—Estou—muito embora, como compreende, tenha saudades da divisão de Coimbra.

—Mas aqui, em Lisboa, na G. N. R....

Uma expressão popular simpatica:

—Como peixe n'agua.

Dr.ª Maria de Lacerda
DOENÇAS UTERINAS—Calçada do Sacramento, 7, 2.°, ás 2.as, 4.as e 6.as feiras, das 2 ás 4.—Telef. C. 4359.

A REVISTA
Grande Ilustração Mensal — Director: Ilidio Perfeito
Literatura, Arte, Modas, Sport, Actualidades, Desenhos, Ilustrações e caricaturas dos nossos primeiros artistas. Sessenta paginas de texto profusamente ilustradas. Colaboração dos nossos melhores escritores.
E' hoje posto á venda o n.° 5

Pelos teatros

Dulce de Almeida

Dulce de Almeida, gentil e simpatica artista que tantas demonstrações de apreço tem recebido do publico e da critica, pelo seu trabalho probo e inteli-

DULCE DE ALMEIDA

gente, acaba de ingressar na Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, devendo reaparecer depois de amanhã na revista «Papo Seco» da autoria de Erico Braga e que «em fim de festa» se exibirá no Teatro de S. Luiz, com a peça «O homem das 5 horas», de Hennequin e Weber, tradução do nosso querido camarada de redacção Alvaro de Andrade.

"Ba-Ta-Clan"

Realiza-se ámanhã, no Teatro da Trindade, a estreia da Grande Companhia do Teatro «Ba-Ta-Clan», de Paris, sob a direcção da artista Madame Rasimi, havendo a maior anciedade do publico por estes espectaculos, que vêm dar á nossa Lisboa a nota «chic» e absolutamente parisiense que deixam sempre em toda a parte. Representa-se, pela primeira vez, um dos maiores exitos de Paris—a celebre revista de Grande Espectaculo «C'est Paris», em primeira recita de assinatura que, tudo o indica, será uma recita pronunciadamente elegante e o ponto de reunião de tudo quanto Lisboa conta de mais distinto e ilustre.

Atraz do reposteiro

E' com a peça «A mosca de Milão», de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, que se estreia, no dia 26, no teatro Sá da Bandeira, do Porto, a companhia da actriz Cremilda de Oliveira.

—O nosso camarada Artur Portela, publica na 3.ª pagina a sua costumada pagina semanal.

—E' intenção dos artistas-emprezarios Rey Colaço-Robles Monteiro, em virtude do agrado obtido no teatro S. João, do Porto, demorarem a sua companhia naquela cidade atè ao final do mez que vem.

—E' de certeza, depois de amanhã, que volta a reaparecer—agora no teatro S. Luiz—a comedia «O homem das 5 horas», reforçada com a revista «Papo sêco», original de Erico Braga, com musica original e coordenada de Alves Coelho. Na revista tomam parte a bailarina Alexianne, do Casino de Paris, e o «Alcob's jazz-band», especialmente contratado.

—Da sua «tournée» á Ilha da Madeira regressou a Lisboa a Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha, que brevemente parte a cumprir varios contratos firmados com diversas emprezas do país.

—Realiza-se hoje, com a peça «A Exilada», tradução de José Sarmento, no Teatro da Trindade, a festa do actor Seixas Pereira.

—A Companhia Chaby Pinheiro estreia-se no dia 21 do corrente, no Teatro Covilhanense, na Covilhã.

—Estão em construção dois novos teatros na provincia—um em Elvas e outro em Montemór-o-Novo, que breve serão inaugurados.

—Fazem parte da tournée de Opereta Ligeira Camara Martins-Brazão Gambôa, que brevemente inicia a sua digressão pelo Alemtejo, os artistas Mario Campos e José Vitor.

—A primeira comedia da nova parceria Felix Bermudes, João Bastos e André Brun, a representar, intitula-se «O Arroz de Quinze».

—A pequena actriz Maria Helena, filha dos artistas Maria Matos e Mendonça de Carvalho, desempenhou recentemente, no Rio de Janeiro, a protagonista da peça «A garota».

CARTAZ

TEATROS

Triadade=21,30=«A Exilada».
Gymnasio=A's 21,30=«O Celebre Pina».
Apolo=A's 21,45-«O Santo Antonio».
Salão Foz=A's 21,15=Variedades

ANIMATOGRAFOS

Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»

Ás 21 h. e 30 **TRINDADE** Tel. T. 976

HOJE

Recita do actor Seixas Pereira

Unica representação da peça

A EXILADA

Notabilissima creação de Lucilia Simões

TRINDADE

Telefone T. 976

Amanhã:

Estreia da celebre companhia do

BA-TA-CLAN

DE PARIS

O espectaculo mais sensacional que tem vindo a Lisboa

Pianos, Orgãos, Musicas

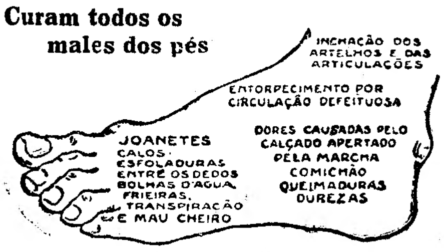
JANUARIO NUNES & C.ª (F.os)

(CASA ESPECIALISADA)

108 — Rua dos Retrozeiros — 110

Saes «DERMOXA»

Curam todos os males dos pés



O melhor contra a transpiração

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.

Deposito: MARIO BRANDÃO — Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.

N. B.—Exijam os verdadeiros Sais «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo.

Laboratoires J. Nante, 62, Avenne Gambetta—Paris.

Anuncio

Pelo juizo de direito da 4.ª vara civel da comarca de Lisboa, cartorio do escrivão do 2.º oficio, correm editos de 30 dias, a contar da publicação do ultimo anuncio, citando os legatarios Carlos Ferreira Martins dos Santos, morador na rua dos Militares, n.º 41, da cidade de Coimbra, e a Misericordia de Vila de Rei, para deduzirem os seus direitos no inventario de maiores por obito de Manuel Leitão dos Santos, que foi desta cidade.

Lisboa, 8 de abril de 1926. E eu, Anibal Veiga Ferrão Paes, escrivão, o escrevi.

Verifiquei a exactidão — O Juiz de Direito —*A. Guerra.*

Compagnie des Chemins de Fer Portugais

COMITÉ DE PARIS

Convocation des Obligataires

MM. les porteurs d'obligations privilégiées de premier rang de 3 0|0, 4 0|0, 4 1|2 0|0 et 3 0|0 (Beira-Baixa) de la Compagnie des Chemins de fer Portugais sont convoqués en Assemblée générale ordinaire, le lundi 5 Juillet prochain, à 14 heures 30, salle du Comité des Forges, rue de Madrid, n° 7, à Paris.

Ordre du Jour:—Présentation du rapport du Comité de Paris; Nomination d'administrateurs.

Tous les Obligataires possédant ou représentant au moins vingt-cinq obligations privilégiées de premier rang ont le droit de faire partie de l'Assemblée générale, en déposant leurs titres aux caisses de l'un des établissements suivants:

En Portugal—Siège social de la Compagnie, à Lisbonne; Banco de Portugal, Banco Lisboa & Açores, Banco Comercial de Lisboa, Banco Nacional Ultramarino (à Lisbonne et sa Filiale à Porto), Crédit Franco-Portugais et Monte Pio Geral.

En France—Bureaux du Comité de Paris, 28, rue de Châteaudun, à Paris; Banco Nacional Ultramarino, Banque Générale du Nord, Banque Nationale de Crédit, Banque de Paris et des Pays-Bas, Banque de l'Union Parisienne, Compagnie Algérienne, Comptoir National d'Escompte de Paris, Crédit Commercial de France, Crédit Foncier d'Algérie et de Tunisie, Crédit Foncier de France, Crédit Industriel et Commercial, Crédit Lyonnays, Société Centrale des Banques de Province, Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France et Société Lyonnaise de Dépôts, de Comptes courants et de Crédit industriel (Lyon), Société Marseillaise de Crédit.

En Angleterre—MM. Glyn, Mills and Co, à Londres.

En Belgique—Caisse Générale de Reports et de Dépôts, à Bruxelles, et Banque Liégeoise, à Liége.

En Hollande—Banque de Paris et des Pays-Bas à Amsterdam et à Rotterdam.

Les cartes d'admission seront délivrées par le Comité de Paris, 28, rue de Châteaudun, à Paris, en raison de ces dépôts effectués avec bordereaux des numéros des titres.

Paris, le 30 Mai 1926.

Le Comité de Paris

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082

MOBILIAS

Boa construção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Grande baixa de preços

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

SERRA DO CARAMULO

A melhor estancia para cura d'ares e de repouso

Grande Hotel da Montanha

Paredes do Guardão

Aberto todo o ano. Esplendido tratamento. Cosinha á portuguesa. Desinfecção pelos processos mais modernos

Instalação electrica em todos os quartos

Assistencia medica permanente

Para informações e pedidos

ANTONIO D'ALMEIDA MATOS

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Faz se publico que pelas 15 horas do dia 30 do proximo mez de junho, na Secretaria da 6.ª Secção de Via e Obras, em Faro, perante o Engenheiro Aux. Chefe da referida Secção, terá lugar a arrematação para a venda das amendoas e alfarrobas pendentes do arvoredo existente no troço da linha compreendido entre Tunes e Vila Real de Santo Antonio.

A base de licitação é de 2.000$00 e o deposito provisorio é de 50$00.

As condições de arrematação podem ser examinadas todos os dias uteis das 11 ás 17 horas, nas Secretarias: da 6.ª Secção deste Serviço em Faro, na do Serviço Central, em Barreiro e na da Direcção destes Caminhos de Ferro, Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 63—Lisboa

Barreiro, 30 de Maio de 1926.—Pelo Engenheiro Chefe do Serviço de Via e Obras, interino, J. Cabral.

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Direcção do Sul e Sueste

Concurso para a adjudicação da compra de cal diversa

Anuncio

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 25 do proximo mês de Junho, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 70 toneladas de cal hidraulica, 100 toneladas de cal parda em pedra para obras e 10 toneladas de cal branca em pedra para caiar.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 13 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito de 600$, 600 e 100$, respectivamente.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 0|0 da importancia total da mesma adjudicação, constituindo, assim um deposito definitivo que por intermedio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depositos, onde ficará á ordem da mesma Direcção.

Este reforço deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilisada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 26 de Maio de 1926. — Pelo Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Julio José dos Santos.

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

THEATRO DO GYMNASIO

Tel. T. 914

Hoje — A's 9 3|4 da noite

Recita da Moda

A mais graciosa das farças

O CELEBRE PINA

Grande redução de preços

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129

HOJE—A's 9 3/4

A celebre peça de Braz Martins

O SANTO ANTONIO

(A sua vida e os seus milagres).

Preços populares. Não ha locação.

A selecção de Madrid contra o Sporting ámanhã no Campo Grande

No campo do Sporting, pelas 18 horas, jogam ámanhã a selecção de Madrid e o primeiro «team» do Sporting.

E' um encontro que vai atraír ao «graund» do Campo Grande, enorme afluencia, pela bela impressão que deixou no ultimo domingo o grupo madrileno.

POLICLINICA DO INTENDENTE

ALMIRANTE REIS, 27, 2.º

Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13

Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.

Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.

Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 17.

Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.

Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.

Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.

Dr. Fernando Fonseca—Sifilis e doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.

Dr. Formigal Luzes—Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.)

Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.

Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas, ás 14.

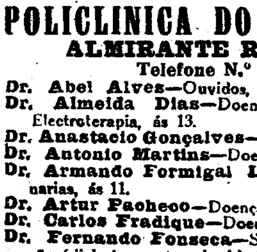
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.

Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 14.

Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações ás 16.

Veloutine e Créme 'PRINCEZA ALICE'

São os productos que, devido á sua excellente composição, dão á pelle toda a frescura e belleza da mocidade. A' venda na Perfumaria Viuva de José Dias, rua dos Fanqueiros, 342. (Frente ao Mercado.



MAPLES

O modelo TINA que insere este anuncio em magnifica pele, o que ha de mais perfeito, ao preço de esc. 400$00.

Temos mais modelos para varios preços

Antigo fabricante LOPES FALCÃO

25-A, R. Luz Soriano, 27, 1.º

(Ao Calhariz)

Brilhantes Grandes

sem defeito, paga-se a 2.700$ para cima o quilate, cautelas do Monte-pio Geral, joias penhoradas na mesma, paga-se todo o seu valor.

Rua 24 de Julho, 60, 1.º

Torpedo, A MELHOR MACHINA DE ESCREVER
PARA ESCRIPTORIO E VIAGEM
J. ANAO & C.ª L.da
R. dos Fanqueiros, 376, 2.° D.to-Tel. 3536, N.

ESTRANGEIRO

Grande sortido em Compotas,
Conservas Nacionais e Estrangeiras
Manteigas e Carnes
das melhores procedencias
LOPES & CABRAL
177, Avenida da Liberdade, 181
Telefone 142 N.

DE ITALIA

A especulação cambial é um problema que afecta a economia nacional

ROMA, 15

O Senado prosseguiu ontem na discussão do orçamento do ministerio das Finanças.

O respectivo ministro, conde Volpi, discursou sobre a economia nacional, referindo-se á especulação cambial, que disse constituir um grave problema.

O conde Volpi afirmou que o governo se esforça por restabelecer o equilibrio entre a produção e o consumo, reforçando a capacidade da produção italiana.

O debate continua hoje. — (L.)

Um decreto real promove, por merito especial, o coronel Nobile, inventor, construtor e comandante do dirigivel *Norge* que fez a viagem ao polo norte, ao posto de major-general da aronautica. — (L.)

Segundo comunicam da Grecia, um grupo de bandidos assaltou um transporte da tesouraria grega, roubando 58 biliões de dracmas.

O *chauffeur* e os guardas que acompanhavam o automovel fôram mortos pelos bandidos. — (L.)

Fôram coroadas de absoluto exito as experiencias do novo dirigivel *L-3*», construido por encomenda do governo japonês. — (L.)

PROVAE A MANTEIGA DE NANDUFE
A' VENDA NA
Praça dos Restauradores, n.º 15

CASINO RIBAMAR (Algés)
Todas as noites
Sensacionais diversões
Variedades-Cinematografo
Esmerado serviço de restaurante
Almoços-Jantares concerto

ESPIRITA
QUEREIS ser feliz em todas as vossas coisas? Consultai sem demora este verdadeiro fenomeno, que só ele vos pode dar a felicidade completa. Para prova da verdade, o pagamento é no fim do trabalho. Pelo correio, 10 escudos para a consulta. Rua do Sol, ao Rato, 215. 3.º

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—5 h
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—4 h.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias-urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N.

CARTA DE PARIS

Os quadros dos melhores pintores do seculo XVIII estão expostos no Salão das Tulherias

PARIS, 1 de Junho.—Feliz ideia tiveram os organisadores da exposição de quadros das mulheres pintoras do seculo XVIII. Anima-a um sentimento nobre e elevado, aquele que domina todas as almas femininas: o sentimento maternal.

O produto das entradas na exposição reverte a favor da obra maternal francesa, protecção ás mães pobres e doentes. Esta associação—arte, mulher e caridade—tem o valor de um simbolo, neste momento de reinvindicações femininas, quando o «Congresso da Aliança para o Sufragio das Mulheres» está reunido na Sorbonne—templo da logica e da sciencia francesas.

Tem-se afirmado muitas vezes que a mulher é um ser inferior, a quem a Natureza prodigalisou graças e encantos, mas que nunca igualará o homem no campo intelectual. Os que assim falam, não se lembram de que as mulheres só muito tarde entraram na vida intelectual e artistica, ao passo que os homens cultivam as artes, as letras e as sciencias, desde todos os tempos.

Pelo que diz respeito á arte, pode dizer-se que o Seculo XVIII foi aquele que viu nascer a primeira escola feminina de pintura. Até então, as manifestações artisticas femininas foram insignificantes. As mulheres da antiguidade apenas bordavam. A lenda fala-nos de Penelope com admiração.

Na Idade Média encontram-se alguns nomes femininos que nos conventos se entregaram aos deliciosos trabalhos da iluminura. Um nome se impõe: Herrade, abadessa de Landoberg. No seculo XVI Anne de Konemburg tem a força e a precisão viril dum discipulo de Holbein. De Judith Leister não vale a pena falar, apesar dos seus trabalhos terem sido atribuidos a Franz Halls, o grande mestre que ela imitou servilmente.

Tudo isto são excepções. Duma maneira geral, podemos afirmar que a pintura feminina data do seculo XVIII. Com o concurso dos museus de Versailles, do Louvre, de alguns museus da provincia e de coleccionadores particulares, a actual exposição reune os melhores trabalhos dessa epoca.

As pintoras do seculo XVIII não têm ainda uma personalidade marcada. A influencia masculina é manifesta. Involuntariamente, pensamos em Nattier, La Tour, Chardin, Fragonnard, Greuze, Prudhon... Estes são os mestres, elas são os discipulos. No entanto, algumas telas são de primeira ordem.

Madame Vigée Lebrun afirma se, mais uma vez, como a melhor de todas as pintoras da sua epoca. Madame Vallayer-Coster, tão conhecida pelas suas naturezas mortas, revela-se-nos uma retratista delicada e inteligente. Admiraveis tambem, pela tecnica e pela sensibilidade, os retratos de madame Labille Guiard.

E o que dizer da riqueza pintural de Françoise Duparc? «La Tricoteuse» e «La Vieille femme», do museu de Marselha, que, oferecendo em antitese, a mocidade laboriosa e a velhice sorridente, são duas das melhores telas da exposição.

Fragounard aparece-nos sentado, folheando um livro, colocado sobre uma mesa em frente dêle — belo retrato que Margueritte Gerard concebeu num dia de inspiração.

A companheira fatal de Prudhon — Constance Mayer — tambem aparece na exposição, numa grande tela em que ela se representa, conversando com um dos seus mestres. Tratar-se-ha de Prudhon? Em todo o caso, o claro-escuro que caracterisa a obra deste ultimo, ainda não tivera influencia na pintura da discipula.

As mulheres do seculo XVIII tambem se dedicaram á gravura e á miniatura.

As gravuras de Madame de Pompadour são muito interessantes. A favorita de Luís XV foi uma artista de merito.

Uma unica escultora—Maria Anna Collot—a celebre alma de Falcounet. Celebre aluna, não pelo talento, mas pela sua vida romanesca que já tem tentado varios escritores.

* * *

Não muito longe da galeria onde estão expostas as pinturas do seculo XVIII, o Salão das Tulherias oferece-nos algumas telas assinadas por nomes femininos. Não haja duvida. O caminho percorrido pelas mulheres pintoras é imenso. Quasi todas as artistas de hoje teem uma personalidade incontestavel. Elas trabalham segundo o seu instinto e a sua fantasia.

Laurencin, Perdriat, Cherianne teem a sua maneira de trabalhar muito pessoal, cada uma delas dentro de moldes diferentes.

Odette de Garets já se libertou da influencia de Simon Levy. A sua «Natureza morta» das Tulherias é duma invenção misteriosamente encantadora: sobre uma cortina de damasco três mascaras de Carnaval riem, fazendo caretas, diante de dois instrumentos de musica e duma corôa de louros. Homenagem a um compositor? Haydn, Scarlatti ou Couperin?

Marval devia muito a Flandrin. Agora sucede o contrario. E' o professor que se esforça por imitar os reflexos alegres que animam a obra da sua discipula. Marval crê na felicidade, na mocidade e na vida.

Mas não são só as mulheres francesas que honram a moderna pintura feminina. Paris pôde admirar no mês passado as soberbas telas, cheias de realismo e melancolia, representando scenas observadas nas casas de chá, por uma grande artista japonesa. O Japão admirava-a ha muito tempo, mas só agora os seus trabalhos puderam ter a sanção da critica parisiense.

Yoneko Yamagouhi tem uma historia triste e curiosa. Filha duma familia pobre, tendo seis irmãos e irmãs, foi vendida pelos pais, com a idade de 14 anos, a uma casa de chá. Durante uma visita que fez á casa paterna, seu pai, enlouquecendo repentinamente, assassinou três filhos e partiu os braços á infeliz Yoneko Yamagouhi. Depois de ter passado muito tempo no hospital, apresentou-se na mesma casa de chá onde tinha trabalhado. Privada dos membros superiores, que serviço podia ela fazer? O acolhimento foi sarcastico e ironico. Felizmente, um artista que a tinha conhecido em criança e notára o seu interesse pelos objectos de arte, ofereceu-se para lhe servir de professor.

Yoneko Yamagouhi tem hoje 24 anos, e embora trabalhe com os dentes, conseguiu ser professora de desenho numa escola de raparigas e é a artista mais celebre do seu país.

Iréne de Vasconcelos

GARAGE MONUMENTAL (ao Rato)
(a maior do Páiz)
RECOLHA DE AUTOMOVEIS A 60$00 MENSAES
Gazolina a 2$20 o litro

INGLATERRA

A propaganda sovietica anti-britanica e o que disse Chamberlain

LONDRES, 15

Chamberlain declarou hoje nos Comuns que a propaganda sovietica anti-britanica tem constituido sempre hm obstaculo ás boas relações entre os dois países, e que antes de partir para Genebra dará instruções ao encarregado de negocios da Inglaterra, em Moscou, para informar o governo dos soviets de que o gabinete britanico não podia deixar passar em silencio a remessa de fundos para apoio da greve geral, e que a acção tomada pelo comissario das finanças não favorece as amigaveis relações que o governo sovietico pretende desejar.

O debate prossegue na quinta-feira. — (L.)

Faleceu sir Henry Morris

Faleceu sir Henry Morris, conhecido cirurgião e um dos fundadores do instituto imperial anti-canceroso.

Foi tão grande a sua reputação como operador, que em 1904 foi convidado a visitar profissionalmente Bombaim, sendo o primeiro cirurgião europeu chamado á India para operar. — (L.)

Segundo noticias recebidas nesta cidade, os governos dos soviets e da Mongolia concluiram um tratado, por dez anos, regulando a navegação russa nos rios mongoes. — (L.)

Lord Oxford encontra-se doente com um ataque de angina pectoris, que lhe sobreveio a uma influenza. — (L.)

A PELICULA GEVAERT
EM ROLOS E FILM PACK
ORTHOCROMATICA E ANTI-HALO
É
A MAIS PERFEITA
A MAIS SENSIVEL
A QUE PERMITE FAZER MELHORES FOTOGRAFIAS
Á VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS FOTOGRAFICOS DO PAIZ
GARCEZ L.DA
RUA GARRETT 88--LISBOA

PEREIRA, ALFAIATE
Rua Prata, 266, 1.º
Fatos reclame a 295$00

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS
Mello da Silva, Limitada
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C. 587 Telegramas: Melloseque

PARA SER BELA
Usar sómente
CREMES
Pó d'Arroz
PERFUMES
MARCA
Paradis

ULTIMAS NOTICIAS

Os chapeus
para senhoras
DO
SALAO AUREO
Batem o récord em elegancia, distinção e preços
246—RUA DO OURO—248
NORTE 3818

OS ACONTECIMENTOS

O movimento das tropas acampadas em Sacavem

e os boatos que correram

sobre divergencias

entre algumas unidades

A informação de hoje do nosso colega «Diario de Noticias, ácerca de uma marcha a deshoras, das tropas de Sacavem sobre Lisboa, teve o condão de indignar o sr. coronel Mousinho d'Albuquerque, comandante das forças a que a alarmante noticia se refere.

Para bem cumprir o nosso dever profissional, procurámos hoje o aludido oficial no quartel general das tropas de sitio, indo encontrá-lo num estado de exaltação absolutamente lastimavel.

Estava sentado a uma secretária e rodeavam-no varios camaradas seus, do forte da Ameixoeira, segundo pudémos deduzir, atravez da conversa.

* * *

Mal entramos e nos dissémos jornalistas, o sr. Mousinho de Albuquerque exclamou, numa grande decisão:

—Não digo nada! Vão fazer preguntas ao ministerio da Guerra!

Suspendemos, naturalmente, os cumprimentos, apenas esboçados, e o sr. comandante prosseguiu a crescer de furia como nas partituras:

—São uns imbecis! São todos uma data de imbecis!

—Quem?! Eles...?

—Sim. Os jornalistas. Escusam de cá voltar, que não levam nada daqui. O que querem é armar aos três tostões dos papalvos...

—Sr. comandante: ainda não me deu tempo para me apresentar!!

—Não ha que distinguir! Andam todos á caça dos trez tostões.

—Sou do «Diario de Lisboa»...

—O «Diario de Lisboa» ainda ontem reproduziu uma conversa comigo.

—Lealmente...

—Sim. Lealmente. Aquilo que lá vem foi tal qual o que eu disse.

Iamos agradecer a amabilidade, que, afinal, era justiça apenas, e o sr. oficial interrompeu a querer pôr ponto final na conversa.

—Acabou-se. Andam todos ao mesmo. Ainda ontem eu puz as coisas nos seus devidos termos, e já hoje ó «Diario de Noticias», imbecilmente, idiotamente, estupidamente, se sae com uma destas!

—V. Ex.ª, portanto, desmente...

—Não desminto nada! Não digo mais nada! Vão ao Ministerio da Guerra, que lá lhes dizem o que ha! O Ministerio da Guerra sabe tudo o que se passou. Lá que lhe digam; lá que lhe digam!

Depois, em acelerado:

—Não pode ser! Já tomei as devidas providencias para que esses imbecis da Imprensa sejam metidos na ordem! Acabou-se a delicadeza! A delicadeza, agora, é ao contrario...

* * *

Em tom, mais sereno, de justificação:

—Calcule o efeito disto na provincia! A esta hora estão pelo país fóra a dizer que nós somos uns palermas e que estamos aqui a deixar-nos papar!

—Papar... será exagero...

—E' assim mesmo! Julgam que nos comem?! Isso queriam eles! Não vai assim! Estamos unidos. Ninguem nos desune! Todos por um e um por todos! Escusam de intrigar que não conseguem o seu fim.

O sr. comandante forçou com a polpa do indicador da mão direita a abertura do olho do mesmo lado, como quem diz: «Pai Paulino tem olho», e, tendo falado de farelos em alusão de remoque a um colega nosso, exclamou terminantemente:

—A gente não come disso! Estão enganados que a gente cá não come disto!

—As nossas felicitações. O pão está tão caro que raros lhe chegam... Mas... afinal, a noticia da marcha tem algum fundamento?

—Nada! Tudo imbecilidade! Para que servem os jornalistas?

—Para escrever os jornais.

—Para que serve a tropa?

—Para defender a Patria.

—Pois... é isso mesmo. Mais nada. Se querem saber mais, vão lá ao ministerio da Guerra.

—A marcha, então, foi...

—Não foi nada! Foi exercicio. Eu estava a dormir. Já o outro dia disseram isto e mais aquilo, e, afinal, eu estava a tomar banho e a fazer a barba. Ora os imbecis...

Numa grande loquacidade:

—Olhe. Hoje inventaram que nós e os da Ameixoeira nos iamos pegar á tapôna. Aqui os tem...

Apontando os oficiais circunjacentes:

—Vieram todos para jogarmos aqui a pancada.

—Reparámos que nenhum tinha geitos de agressor, e o sr. tenente Baltazar, tão amavel, em contraste, que teve a coragem heroica de apertar a mão ao jornalista, acrescentou, a confirmar:

—Estamos todos unidos. Não tem fundamento tudo quanto digam em contrario.

—Mas, é isso mesmo que o «Diario de Lisboa» quere ter repetidos ensejos de dizer! O proprio comandante...

E o sr. coronel Mousinho de Albuquerque a rematar:

—Passem muito bem! Escusam de cá voltar, que daqui não levam nada!

O jornalista, como um prisioneiro que se liberta, saiu com a pressa que as circunstancias lhe permitiram, e veiu jurando de Sacavem até Lisboa que só se não puder deixar de ser, lá tornará a ingressar.

Um colega nosso que foi recebido depois, com a mesma boa disposição de espirito, só conseguiu mais, não obstante, por prevenido, ser portador de argumentos de acalmar, esta afirmação tetrica:

—Três soldados bastam para escangalhar um jornal.

O sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira, que tão dedicada e desinteressadamente lutou para o triunfo do movimento militar, organizou, durante alguns anos de estudo e reflexão, um largo plano de redução dos ministerios, subordinado a um conjunto de medidas destinadas á reforma integral dos serviços publicos.

Quando seria de esperar que o seu concurso fosse não só esperado, mas solicitado, movem-se influencias poderosas para o afastar do poder.

Existe qualquer trabalho que iguale ou de qualquer maneira substitua o seu?

Com magua o declaramos—não!

Os improvisadores tomam o passo aos homens que se especializaram no estudo dos problemas da crise nacional.

Lastimamos que assim seja, porque cada dia que passa representa uma transigencia culposa com a velha politica das abdicações e das acomodações.

O sr. dr. Dias Ferreira, fóra dos partidos e dos interesses uivantes, pensou em transferir a revolução das armas para os factos.

«Ou o Estado se reforma para a Republica ou a Republica desaba com a ruina do Estado»—eis a sua divisa.

Que razões fortes invocam contra ele os que imaginam servir o país, cortando-lhe a possibilidade de efectivar o seu plano?

Uma nota oficiosa

do Integralismo Musitano

Pede-nos a Junta Central do Integralismo Lusitano a publicação da seguinte nota oficiosa:

«*Ao País e ao governo:* — A Junta Central do Integralismo Lusitano tem assistido em silencio á sucessão dos acontecimentos politico-militares que, segundo as declarações dos seus numerosos chefes, se destinam a salvar a Nação da tirania indompetente e ruinosa dos partidos.

Repetidas vezes, nos discursos de varios ministros e nos jornais de todos os tamanhos, entoa-se ruidosamente o estribilho do perigo monarquico, a rematar a cantata sentimental da defeza da Republica.

Esta Junta, em nome do agrupamento que dirige, vem espontaneamente afirmar em publico que não é licito a um governo, digno de tal nome, justificar a sua incapacidade com um obstaculo ilusorio.

O perigo não é da Republica, ontem com os partidos, hoje aparentemente sem eles. O que todos os bons Portugueses continuam a ver em perigo é o supremo interesse nacional. Se o governo actual o quere servir utilmente, sirva-o sem demora, com actos e não com palavras, que não lhe negaremos o nosso aplauso. E se os monarquicos se lhe afiguram um embaraço e um perigo, pela nossa parte requeremos o governo a declarar lealmente quais as garantias que de nós exige para poder trabalhar em tranquilidade.

Se depois deste procedimento, continuar a mistificação do perigo monarquico, só nos restaria deplorar que alguns homens de governo aceitem a categoria e o papel de embusteiros.

Assim, nesta conjuntura extremamente grave da vida nacional, nós não abdicamos da nossa reivindicação politica, mas queremos suspendê-la, para que o País e a Historia possam claramente atribuir a quem devam, a gloria de um ressurgimento ou o oprobio de uma catastrofe.

Lisboa, 15 de Junho de 1926.

A JUNTA CENTRAL»

Os serviços

dos Caminhos de Ferro do S. e S.

Do sr. Eugenio de Campos Amaral, engenheiro chefe dos serviços dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, recebemos a seguinte carta:

«*Sr. director.*—Como engenheiro mais antigo dos chefes de Serviço dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rogo a v. se digne publicar no seu muito apreciado jornal, o seguinte esclarecimento:

Tendo aparecido em alguns jornais de hoje a noticia de que da normalisação dos serviços dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste ficára incumbido um «comité» de pessoal, faz-se publico que tal noticia carece em absoluto de fundamento, porquanto, tendo o pessoal retomado o trabalho, automaticamente a direcção dos serviços passou para os respectivos engenheiros que normalisaram toda a exploração dentro de algumas horas, tendo se ontem realisado todos os comboios do horario, no sentido ascendente, excepto o «rapido», e ficando hoje normalisado todo o serviço nos dois sentidos.

Pela publicação destas linhas se confessa muito grato o de v. etc.—*Eugenio de Campos Amaral.*

Um decreto

sobre os tabacos

Consta que vai ser publicado um decreto determinando que seja por concurso o tabaco a adquirir para manipulação nas fabricas do Estado. O decreto estabelece as condições do concurso.

* * *

O sr. ministro das Finanças trouxe de Coimbra como secretario, o professor da Universidade, sr. dr. Simões Neves.

* * *

Vai ser publicado o decreto que exonera de comandante do cruzador «Vasco da Gama» o actual ministro da Marinha.

* * *

Foi efectivamente convidado para governador de Timor o major sr. Francisco Aragão, que parece não querer aceitar o cargo, por motivos de saude.

DE FRANÇA

Demitiu-se

o ministro das Finanças

PARIS, 15.—Raul Peret, ministro das Finanças, pediu a demissão.—(H.)

BA-TA-CLAN
Amanhã—Estreia no Teatro da Trindade
Revista de Grande Espectaculo
C'EST PARIS
Direcção de Madame Rasimi

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
R. DOS FANQUEIROS, 114